

A telenovela como narrativa da nação. Para uma experiência metodológica em comunidade virtual

O presente texto retoma a *questão da revisão da identidade nacional no cenário globalizado* adotando duas perspectivas: a teórica, através da temática das “narrativas da nação”, explorada por Anderson, Appadurai, Bhabha, Bauman, e outros (Lopes, 2006) e a epistemológico-metodológica na temática das “comunidades virtuais” formadas pelos movimentos migratórios contemporâneos. Propõe-se que essas duas perspectivas confluem numa experiência metodológica de investigação empírica que estamos iniciando, qual seja, a recepção da telenovela brasileira num espaço particular e inédito: a comunidade virtual de brasileiros em Portugal. Trata-se, portanto, de uma exploração metodológica no espaço virtual com suas implicações epistemológicas para a pesquisa em geral e da Comunicação em particular.

Palabras chave: Telenovelas, narrativas de nação, comunidade virtual, metodologia virtual.

Descritores: Telenovela. Metodologia em comunicação. Comunidade virtual.

Recibido: Abril 30 de 2010

Aceptado: Julho 19 de 2010

Origen del artículo

Este artículo presenta la síntesis de dos fundamentos teórico-metodológicos de un proyecto de investigación que actualmente está en curso.

La telenovela como narrativa de nación. Hacia una experiencia metodológica en comunidad virtual

El presente texto retoma el tema de la revisión de la identidad nacional en el mundo globalizado adoptando dos perspectivas: la teórica, a través del concepto de “narrativas de nación” explorado por Anderson, Appadurai, Bhabha, Bauman y otros (Lopes, 2006), y la epistemológico-metodológica de trabajo en “comunidades virtuales” conformadas por los movimientos migratorios contemporâneos. Se propone la confluencia de estas dos perspectivas en una experiencia metodológica de investigación empírica incipiente, cual es la recepción de la telenovela brasileira en un espacio particular e inédito: la comunidad virtual de brasileiros en Portugal. Se trata, por lo tanto, de una exploración metodológica en el espacio virtual que tiene implicaciones epistemológicas para la investigación en general y para la comunicación en particular.

Palabras clave: telenovela, narrativas de nación, comunidad virtual; metodología virtual.

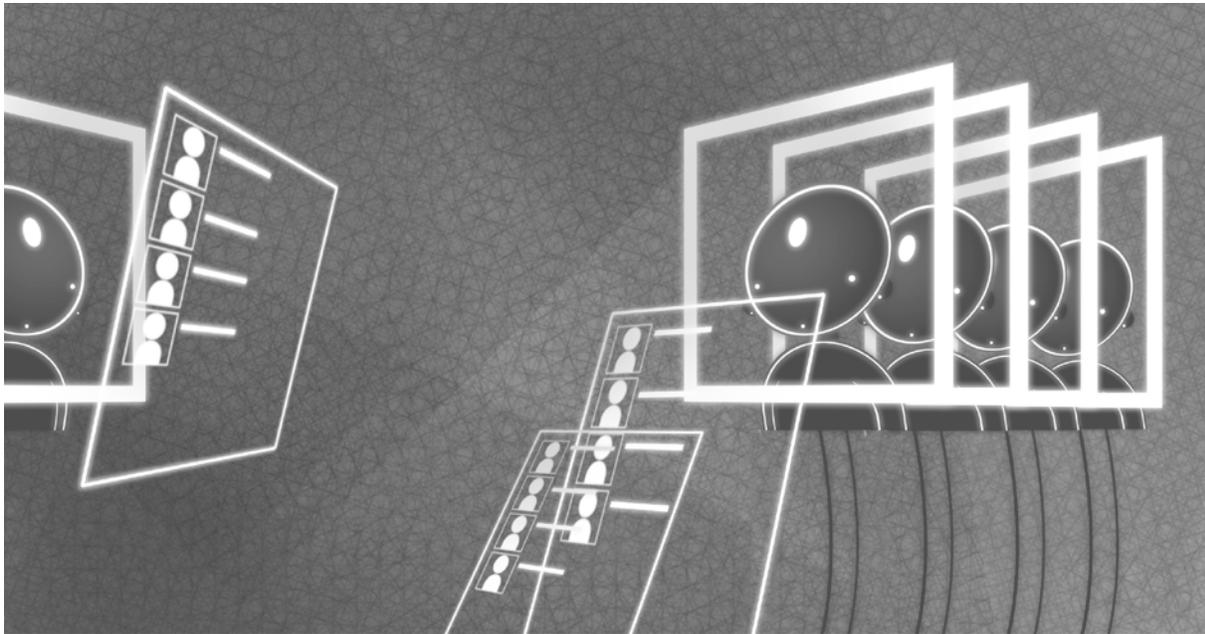
Descriptorios: Telenovela. Metodología en comunicación. Comunidad virtual.

Recibido: Abril 30 de 2010

Aceptado: Julio 19 de 2010

A telenovela como narrativa da nação

Para uma experiência metodológica em comunidade virtual

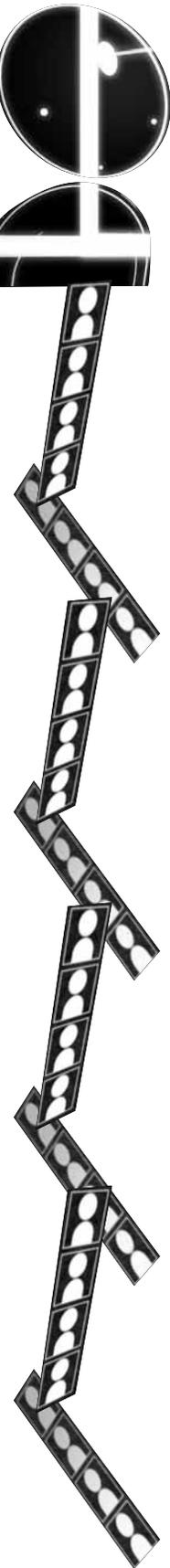


1. Pontos de continuação, novos pontos de partida

A ficção televisiva, notadamente seu formato central, a telenovela¹, vem se consolidando como objeto de estudo importante no campo da Comunicação

.....
* **Maria Immacolata Vassallo**. Brasileira. Doctora en Ciencias de la Comunicación de la Universidade de São Paulo. Trabaja como profesora titular en la Escola de Comunicações e Artes de la misma universidad. Sus áreas de investigación se centran en la epistemología, la metodología, la teoría de la comunicación y la ficción televisiva. **Correo electrónico:** immaco@usp.br

.....
1. A ficção televisiva é um gênero de televisão, sendo a telenovela um de seus formatos. Outros formatos ficcionais são a minissérie, a série, o chamado “caso especial”, a “soap opera”, a microssérie.



no Brasil². Seus múltiplos aspectos têm sido enfocados, não raramente, através de esquemas teórico-metodológicos originais e úteis ao avanço do conhecimento desse objeto. Hoje, os estudos brasileiros de ficção televisiva granjearam reconhecimento internacional e perfilam-se aos trabalhos de ponta sobre o tema. Entretanto, uma característica desses estudos foi se reforçando no tempo e gerando, por assim dizer, um paradigma de pesquisa que tem privilegiado a abordagem semiótica e dos efeitos (menos da recepção) das narrativas televisivas, majoritariamente em estudos de caso, pulverizando e dificultando a generalização dos seus resultados. Além do descaso com as condições de produção (dispositivos econômicos, tecnológicos, de gestão) dessa que é a principal indústria cultural do país, interessa-nos aqui ressaltar nessas pesquisas a ausência “de fundamentos empíricos para a compreensão macrosocial da ficção televisiva”.

Em função desse quadro, resolvemos redirecionar progressivamente nossos estudos sobre a ficção televisiva para a questão das representações e da construção das identidades culturais, especificamente, da identidade nacional e da interculturalidade. São questões-chave para a pesquisa de Comunicação no mundo contemporâneo globalizado que exigem sérias revisões conceituais e metodológicas. Essa preocupação com o estado da pesquisa da ficção televisiva também levou-nos a criar o OBITEL³, com o objetivo de construir e comparar dados sobre a produção e a recepção, em nova chave, internacional e intercultural.

Dentre os aspectos que têm diferenciado a produção teleficcional brasileira dentro do conjunto dos países do OBITEL, talvez o principal seja o fato da telenovela brasileira, ao longo de seus quase 50 anos de encontro diário com o público, ter se tornado uma *narrativa da nação*. Consideramos essa hipótese⁴ como sendo heurística em vista da longa e profunda construção discursivo-cultural do país como “comunidade imaginada” em que a telenovela se tornou. Para testar empiricamente essa assunção teórica, estamos iniciando um *estudo de recepção virtual* de telenovelas junto a comunidades de brasileiros que vivem no exterior. A expectativa é que os

estudos brasileiros de recepção ganhem em inovação teórica e metodológica uma vez que acreditamos ser esse estudo inédito. Ele pretende explorar como a “nação narrada” através das telenovelas brasileiras é recebida e sentida por brasileiros que vivem no exterior. O estudo será feito dentro de comunidades virtuais criadas por brasileiros fora do país e que, segundo nossa observação, funcionam como espaços de encontro e de socialização de experiências.

A narrativa ficcional televisiva aparece como um valor estratégico na criação e consolidação de novas identidades culturais compartilhadas, configurando-se como uma *narrativa da nação*. Partimos da constituição da *identidade étnica do gênero ficcional televisivo* ou, em outros termos, do seu processo de *indigenização* (Appadurai, 1990), em razão da grande audiência, preferência e repercussão da teleficção nacional dentro do contexto televisivo do país. Dessa premissa deriva a hipótese sobre o caráter nacional da teleficção, ou seja, a sua constituição como *gênero nacional*. O monitoramento feito pelo OBITEL⁵ reafirmou no espaço ibero-americano a

.....

2. Apesar da tardia legitimação acadêmica, de 1980 a 2005, a média de teses e dissertações sobre teledramaturgia defendidas nos programas de pós-graduação em Comunicação no país tem sido de 5 títulos por ano (1980 a 2005) e desde o ano de 2000 vem se observando um aumento acentuado no tema, chegando à média de 15 títulos por ano. Fonte: CETVN-ECA-USP - Centro de Estudos de Telenovela da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
3. O OBITEL - Observatório Ibero-americano da Ficção Televisiva - é uma rede de pesquisa internacional constituída por nove grupos nacionais de pesquisa, reunidos por um protocolo metodológico unificado para o monitoramento anual da produção de ficção televisiva em cada país, objetivando uma análise comparativa dessa produção no espaço ibero-americano. Os resultados desse trabalho foram publicados nos Anuários OBITEL (2007, 2008, 2009 e 2010).
4. De fato, essa hipótese sempre esteve presente ao longo de nossas pesquisas sobre a telenovela (Lopes, 2002, 2003 e 2004), porém mesclada com outras argumentações. Trata-se agora de tomá-la como foco específico de estudo.
5. O Anuário OBITEL (2010) traz o monitoramento comparativo dos programas ficcionais de TV em nove países e tem mostrado que é a ficção nacional que ocupa a liderança na faixa do horário nobre (19h-22h) nesses países. No triênio 2007-2009, 56% da programação dessa faixa é ocupada por produção própria e Brasil, México e Portugal ocupam os primeiros lugares.

ocorrência desse fenômeno. Isso se deu, por um lado, através de uma particular apropriação ou *indigenização* da ficção televisiva dentro da tradição cultural de outros meios em cada país (rádio, cinema, teatro, música), o que tornou a teleficção um denso território de redefinições culturais identitárias. Por outro lado, o desenvolvimento da capacidade produtiva das televisões nacionais passa a expressar-se pela sua maior ou menor capacidade de deslocar as séries importadas norte-americanas do horário nobre e mesmo de disputar a preferência com outros gêneros produzidos domesticamente⁶. Aí estão as origens do que chamamos de *contrato de recepção* e da constituição de um *repertório simbólico compartilhado*⁷. A ficção passa a ser um lugar privilegiado onde se narra a nação, *nação representada*, *nação imaginada* (Anderson, 1983), *nação disseminada* (Bhabha, 1997, 2001).

2. Nações imaginadas e meios de comunicação

Ao tomarmos a globalização como novo paradigma histórico e epistemológico das Ciências Sociais (Ianni, 1994), os resultados deste novo tipo de entendimento são visíveis na revisão de conceitos importantes, como os de cultura e nação. Entra em descrédito a idéia de que a cultura de determinado grupamento étnico possa ser traçada a partir do exame de categorias bem definidas capazes de dar conta da lógica coesa de um “discurso simbólico coletivo”. Em oposição a este entendimento, a cultura passa a ser analisada como processo dinâmico, conjunto de jogos e possibilidades realizados em determinados contextos, necessariamente específicos e conectados às inúmeras mudanças sociais que têm lugar em grupos híbridos. Também o conceito de nação passa por uma clivagem crítica, que leva à desconsideração de seu entendimento como narrativa coesa acerca dos caracteres essenciais de determinado grupamento social.

Dentre os autores cujas contribuições pretendemos aprofundar, cabe destacar os nomes de Anderson (1983), Gellner (1983), Smith (1999), Bhabha (1990), Bauman (1999), Appadurai (1990)

que se impuseram como autores de referência quando se trata de abordar questões sobre identidade nacional ou cultura nacional. Em geral, estes autores consideram que só a partir de uma análise da nação como artefato cultural, portanto, como *representação*, será possível conceituar a identidade nacional e explicar a sua relevância nas sociedades contemporâneas, especialmente nos domínios cultural, social e político.

O cerne dos argumentos sustentados por esses autores é o de que o estabelecimento de um sentimento de cultura partilhada entre os membros da nação - a identidade nacional - depende, sobretudo, do reconhecimento de um *passado comum* (que pode ser o de uma etnia dominante) sustentado por *tradições inventadas ou reapropriadas* (Gellner, 1983), *mitos fundadores da nação*, *lendas de tradição oral* (Smith, 1999), versões oficiais da história da nação, etc., no espaço geograficamente delimitado do Estado-nação. Os pensadores que integram esta linha de pensamento, socorrendo-se de fatos da história de nações concretas, procederam a um enqua-

.....

6. O critério definidor da *capacidade produtiva* da indústria televisiva nacional é o volume horário de oferta de programas de ficção. Com base neste critério, o monitoramento do OBITEL, no triênio 2007-2009, permitiu distinguir três categorias de produtores: 1) *os grandes produtores*, Brasil, México e Portugal, com uma produção de ficção nacional entre 4 e 6 mil horas anuais. Conjuntamente, produziram 50% de todo o universo OBITEL; 2) *os médios produtores*: Argentina, Estados Unidos e Espanha, com uma produção que varia entre 3 e 4 mil horas anuais; e 3) *os pequenos produtores* enquanto o Chile forma o grupo dos *pequenos produtores* com produção que oscila entre duas e três mil horas anuais. Em seu conjunto, esses dados parecem refletir uma grande capacidade televisiva regional, da América Latina, na produção do gênero que mais a promove internacionalmente - a telenovela. Ainda, temos a comprovação da hipótese do deslocamento da produção importada para a faixa *off prime-time* na medida em que os países latino-americanos foram nacionalizando a ficção de seu horário nobre através da telenovela. Sabemos que as implicações desse fenômeno transcendem o plano econômico para ganhar um significado propriamente cultural e comunicacional de extraordinária importância para esses países. Fonte: *Obitel* (2010).
7. Elaboramos esses conceitos numa pesquisa sobre recepção de telenovela (Lopes et al, 2002).

dramento histórico do fenômeno do nacionalismo e das condições do aparecimento do Estado-nação que permitiu esclarecer a gênese, a permanência e o alcance da identidade nacional como forma de identidade coletiva típica da modernidade, em que a nação é percebida como um constructo cultural que emergiu de mudanças sociais e políticas associadas a fenômenos como a burocracia, a secularização, a industrialização e a comunicação de massas no contexto da época moderna.

Assim, o advento dos *meios de comunicação de massa* – imprensa, livro – constituiu um aspecto fundamental para a compreensão do contexto em que as pessoas começaram a imaginar a comunidade a que pertencem como “nação”. De interesse fundamental para os propósitos deste projeto é a assunção de Anderson de que as nações e o nacionalismo, como artefatos culturais, são, sobretudo, o resultado espontâneo da interação entre a diversidade das línguas humanas e o surgimento da imprensa de massas no contexto do capitalismo, por isso mesmo chamado por ele de *print-capitalism*. O autor sublinha que inicialmente o estabelecimento de línguas vernáculas, como “línguas de poder”, ocorreu graças às possibilidades da imprensa escrita (*print-languages*) tendo sido fruto de processos largamente inconscientes resultantes da interação entre o capitalismo, a tecnologia e a diversidade das línguas humanas (Anderson, 1983).

Portanto, resulta importante destacar ter sido o aparecimento das novas tecnologias de comunicação – a imprensa diária e a produção literária de massas – que, no contexto de uma economia capitalista, tornou possível *imaginar* a nação.

A questão a levantar deverá ser antes a de saber por que é que narrativas que conferem um significado à nação (filmes, romances, canções, lendas de tradição oral, versões oficiais da história da nação,

etc.) provocam sentimentos de pertencimento à nação no processo de divulgação e reprodução do que se pode entender por “cultura nacional”. Em outras palavras, o problema que se nos coloca é o de perceber porque as narrativas da nação são suscetíveis de esclarecer o apelo irresistível e mundialmente generalizado à identificação com a nação.

Bhabba (1990), por seu turno, insiste na manipulação ideológica subjacente às “comunidades imaginadas” de Anderson. As contra-narrativas da nação que continuamente evocam e apagam as fronteiras totalizantes desta última – tanto reais quanto conceituais – perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais se atribuem identidades essencialistas às “comunidades imaginadas”.

A defesa das minorias culturais existentes no interior do Estado-nação tem animado grande parte da discussão em torno da impossibilidade da afirmação de uma cultura nacional homogênea. Assunções desta natureza estão igualmente implicadas nos modos em que as chamadas “políticas de identidade” vieram a ser entendidas pelos autores que integram esta tendência do pensamento face à identidade nacional. O princípio por estes sustentado quanto às “políticas de identidade” é a da promoção das diferenças e não da “supressão das diferenças” mobilizadas pelo Estado-nação. Subjacente a semelhante princípio, encontra-se a concepção relacional do conceito de identidade (Hall, 1996; Mouffe, 1994), que, sob a influência determinante de teóricos franceses da alteridade (Deleuze, Derrida, Kristeva, Foucault, etc.), vem reclamar que as identidades constroem-se, não fora, mas através da diferença (Hall, 1996). Uma tal asserção implica o reconhecimento de que só através da relação com o outro, da relação com o que não se é, que é precisamente o que está em falta, as identidades podem ser construídas.



Bauman (1990) sublinha ainda que o que separa a uniformidade inerente à idéia de nação da heterogeneidade das formas culturais dentro do Estado-nação sob uma administração estatal unificada se constitui, então, como um desafio e um problema, ao qual os Estados nacionais responderam com cruzadas culturais destinadas à destruição dos mecanismos autônomos de reprodução de unidade cultural. A era em que os Estados-nação se formaram caracterizou-se pela intolerância cultural.

Esta corrente procede assim à desconstrução das identidades essencialistas em jogo nas políticas de identidade acionadas tanto pelo Estado-nação como pelas minorias culturais que lutam por reconhecimento no seu seio, no intuito de demonstrar como as fronteiras que separam o 'nós' do 'eles' são ideologicamente construídas e negociadas. Semelhantes abordagens procuram assim demonstrar como é que as identidades essencialistas são engendradas de modo a servir as reivindicações de variados grupos (políticos, étnicos, sexuais, artísticos, religiosos, etc.) num contexto em que se assiste à explosão dos particularismos (Mouffe, 1994).

Hall (1996), por exemplo, chama atenção para o fato de as identidades parecerem invocar a sua origem num dado passado histórico, ao qual se continuam, aliás, a referir, quando, de fato, falar de identidades é falar do uso de recursos da história, da linguagem e da cultura no processo em que nos “constituímos como seres” (*becoming*) e não no processo em que existimos como seres” (*being*). Não interessa tanto o “quem nós somos” ou “de onde vimos”, como “aquilo em que nos poderemos tornar” ou “como é que temos sido representados” e como é que isto pode influenciar “os modos em que nos poderemos vir a representar”. Hall (1996) está sobretudo preocupado com o fato de as identidades emergirem da afirmação de modalidades específicas de poder, apresentando-se, sobretudo, como o produto da demarcação da diferença e exclusão, e não como o signo de identidades primordiais, portanto, essencialistas.

Na ótica de Mouffe, a identidade não pode pertencer a uma única pessoa e ninguém, de fato, tem uma única identidade. Em última análise, não existem identidades “naturais” ou “originais” uma vez que toda e qualquer identidade é o resultado de um processo de permanente hibridização e nomadização.

Recorrendo à terminologia de Bhabha, podemos dizer que as estratégias narrativas implicadas nestes discursos possuem um valor *performativo* que contesta a autoridade tradicional desses objetos nacionais de conhecimento. Tradição, Povo, Razão de Estado, Alta-Cultura, entre outros - cujo valor *pedagógico* assenta, freqüentemente, na sua representação como conceitos holísticos de uma narrativa de continuidade histórica da nação. A estratégia narrativa do performativo vem curto-circuitar a estratégia continuista e acumulativa do pedagógico através da qual a nação se representa como um todo contínuo e homogêneo, e que se exerce através do ensino e da produção de histórias, mitos e outras lendas coletivas (Bhabha, 1990, 2001).

Neste contexto, tanto histórico quanto analítico, a televisão nacional parece adquirir consciência de seu papel crucial juntamente à de sua própria fragilidade. Numa síntese extrema, podemos pensar o novo papel da televisão segundo pelo menos quatro modalidades complementares, que podemos definir como tematização, ritualização, pertencimento e participação.

O primeiro nível contém seja os elementos mais ostensivos, referenciais e descritivos relativos sobretudo à dimensão do mostrar e do documentar, seja os elementos mais interpretativos, relativos à dimensão do narrar e do comentar. Estas duas dimensões, ditas “locutivas” e “ilocutivas” da comunicação, são inseparáveis e constituem o nível da *tematização*. Aqui, a ficção na televisão emerge como o gênero por excelência através do qual a identidade nacional é representada, e em nossa pesquisa em andamento estamos trabalhando esse nível através de *indicadores culturais* (tempo, lugar, contexto, protagonistas, temas).

O segundo nível é relativo à *ritualização* da relação com o meio e diz respeito à capacidade da televisão de sincronizar os tempos sociais da nação,

construindo um ritmo próprio interno que mime-tiza o dos espectadores ou de criar grandes rituais coletivos, seja documentando fenômenos ocorridos (catástrofes, acidentes, mortes), seja produzindo eventos (festivais, concertos), seja organizando *media events* (funerais, escândalos, casamentos).

Acresce ainda a capacidade da televisão de conectar dimensões temporais de presente, passado e futuro, através da comemoração e a construção de uma memória coletiva e através da antecipação e a construção de expectativas respeito a eventos ou âmbitos específicos (a ciência, a técnica, a política). Este é o nível que provoca, mesmo que de forma elementar, um sentido de *pertencimento*.

E, finalmente, a televisão pode contribuir para a identidade nacional, não porque narra conteúdos, nem porque constrói tempos sociais ou cria sentidos de pertencimento, mas porque dá espaço para representações, constituindo um *forum eletrônico* (Newcomb, 1999) no qual as diversas partes sociais podem ter acesso ou ser representada, e no qual, ao menos potencialmente, exprime-se a sociedade civil. Neste autor encontramos a sugestiva definição da natureza eminentemente “coral” da ficção televisiva, remetendo ao antigo teatro grego onde *o coro expressa as idéias e emoções do grupo... a atenção do coro está focada nas respostas convencionais, largamente compartilhadas, que se apropriam dos conceitos socialmente aprovados* (1999: 38).

3. Epistemologia, metodologias e conceitos em revisão: **novos espaços, novas comunidades**

Retomamos a questão da revisão da identidade nacional no cenário globalizado, na linha explorada por Anderson, Appadurai, Bhabha, Hall, Bauman, principalmente (Lopes, 2006). Nesses autores, a ênfase recai sobre os movimentos de diversidade cultural e de interculturalidade, produzidos pela multiplicação das diferenças e das desigualdades no contexto contemporâneo cada vez mais definido por um aumento extraordinário de contatos – de pessoas, bens, idéias, significados, e também por um dinâmico movimento de cidadania internacional

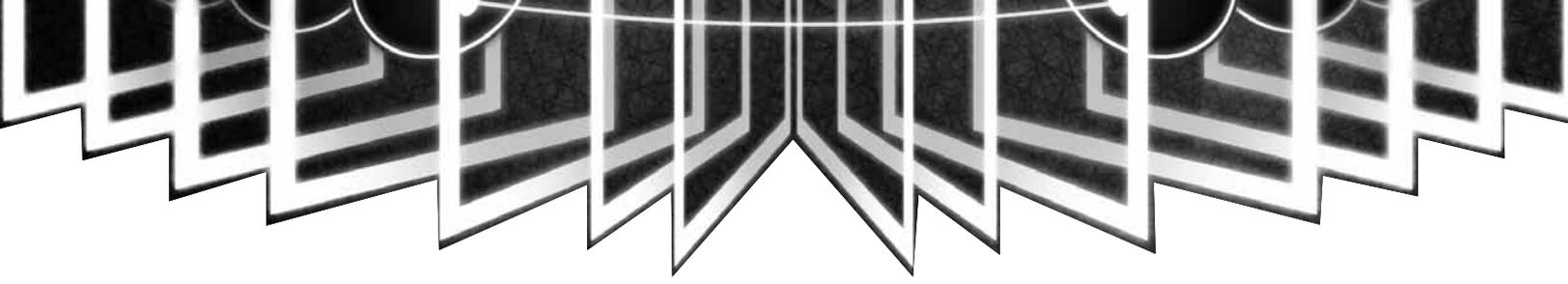
e de democratização de sistemas políticos (Leste Europeu, China). Entre os fenômenos-chave para entender esta problemática estão a expansão das tecnologias de comunicação e a intensificação das migrações internacionais. Por isso, nosso empenho em reavaliar o conceito de *comunidade imaginada* de Benedict Anderson e aproximá-lo da hipótese da *narrativa* [televisiva] *da nação* produzida pela telenovela brasileira no panorama cultural globalizado em que vivemos⁸. Esta é, em síntese a perspectiva comunicacional e cultural que adotamos. Em termos metodológicos, cremos ser inédita a proposta de fazermos uma pesquisa de recepção da telenovela como *comunidade imaginada* em *weblogs* mantidos por brasileiros no exterior.

Comunidades virtuais e novas formas de identidade nacional

Os avanços nas tecnologias de telecomunicações, particularmente satélites, e na comunicação mediada por computador, criaram uma transição dos tradicionais meios massivos para uma forma que possivelmente predominará na atual era pós-industrial, os chamados *targeted media*, ou *meios dirigidos*, (*addressable media*), caracterizados por públicos especializados e mais homogêneos e que podem servir como um cenário para novas formas de identidades comunitárias. Um dos mais promissores tipos de comunidades é a *comunidade nacional virtual* e, para nós, o seu estudo implica em problematizar como a “nação” penetrou esse novo espaço social virtual que é a internet e responder a questões como: a telenovela é apropriada como narrativa da nação por comunidades de brasileiros que vivem no exterior, enquanto comunidades vir-

.....

8. Fala-se muito da singularidade da telenovela brasileira como se fosse um pressuposto indiscutível. Porém, não existia, até agora, pesquisa de natureza internacional e comparada como a que vem desenvolvendo o OBITEL, para fundamentar essa especificidade vis a vis um conjunto de dados empíricos sobre a ficção televisiva de diversas nacionalidades.



tuais? A telenovela brasileira por eles assistida, pode ser um fator de mediação na construção de uma nova identidade nacional (a “nação disseminada” de Bhabha)?

Um passo final no processo de construção da nação, de acordo com Anderson, foi que a impressão em larga escala de dialetos lingüísticos permitiu aos leitores “imaginar” os outros que estavam lendo a mesma literatura. Estas “comunidades imaginadas” lingüisticamente homogêneas serviram como base para o desenvolvimento da nação moderna. É possível que os novos *targeted media*, como a internet, possam facilitar novos modos de “imaginar” a nação, isto é, desterritorializada, tanto quanto o “capitalismo impresso” o fez nos séculos passados? Se olharmos para o rápido desenvolvimento conceitual das “ciberculturas”, acreditamos que esta perspectiva deva ser encarada seriamente. Outro aspecto é que as comunidades étnicas que estavam até há pouco tempo geograficamente dispersas, agora podem se tornar “comunidades étnicas virtuais” concentradas (Elkins, 1997).

A fim de explorar metodologicamente essa perspectiva, já identificamos uma bibliografia razoavelmente extensa sobre comunidades virtuais¹⁰. O que ela traz claramente é a necessidade de revisar conceitos e procedimentos metodológicos, uma vez que a pesquisa no espaço virtual traz novos desafios à metodologia em geral, e da Comunicação, em especial, em função da emergência das novas formas de interação social mediadas por computador. E, finalmente a questão de fundo que se coloca para a pesquisa de Comunicação é a compreensão do conceito de virtual e do fenômeno da virtualidade na sociedade contemporânea¹¹.

Seguindo Lévy (1999: 47-75) a concepção de virtualidade, admite, no mínimo, três sentidos: um sentido técnico, ligado à informática, um segundo de uso corrente e de senso comum, e um terceiro, filosófico. Na acepção filosófica, virtual é *o que existe em potência e não em ato*. Neste sentido,

Levy reconhece ser o virtual um dimensão muito importante da realidade. O segundo significado, corrente, pode ser associado à irrealidade, em oposição a uma realidade que supõe uma presença tangível (o que também pode ser questionado). A *realidade virtual* fascina porque, ao mesmo tempo, reúne a tecnologia, o intangível e o potencial, que se manifestam na experiência de imersão. Portanto, podemos identificar nesse autor a *virtualidade* como uma qualidade de entidade que denota seu grau de extrapolação do concreto, ou grau de rompimento com as formas tradicionais de ser e acontecer, sendo usualmente associada à tecnologia. E o virtual, como dimensão do real mediado ou potencializado pela tecnologia; produto da externalização de construções mentais em espaços de interação cibernéticos (1996).

4. Pesquisa virtual em Comunicação

Queremos utilizar a nossa experiência desenvolvida com os estudos de telenovela, particularmente um estudo de recepção em que desenvolvemos um protocolo metodológico de multi-métodos (Lopes et al, 2002). Dele destacamos o método etnográfico, o grupo de discussão e a entrevista. Trata-se de explorar esses métodos para sua adaptação on line em função de sua capacidade de contextualizar os processos de

.....

9. Howard Rheingold (1993) argumenta que “comunidades virtuais” podem ser tão importantes para os membros da comunidade quanto as comunidades reais.
10. Não é aqui o lugar de listar essa bibliografia (ver Papadakis, 2004) e outras, mas apenas indicar que dentro do estado da arte das pesquisas sobre comunidades virtuais estamos interessados especificamente nas comunidades nacionais que vivem no estrangeiro. Sobre metodologias de pesquisa nessas comunidades nacionais virtuais, as referências praticamente inexistem. Também não temos conhecimento de trabalhos sobre esse tema realizados no Brasil.
11. O propósito deste texto não é fazer a discussão da cartografia semântica do virtual. Há uma abundante bibliografia ensaística, nacional e estrangeira, sendo Pierre Lévy autor básico de referência em nossa pesquisa.

recepção para extrair conclusões sobre as práticas comunicacionais e culturais dos públicos.

Esses desafios podem ser percebidos pelas transformações que a Internet, como novo fenômeno de comunicação híbrida baseada na troca e combinação das unidades básicas E-C-M-R¹², trouxe para o campo da pesquisa. É possível resumir essas transformações nos seguintes princípios para a *pesquisa virtual*¹³:

- 1) a pesquisa virtual supõe problematizar o uso da Internet como objeto inserido na vida das pessoas e como lugar de estabelecimento de comunidades;
- 2) os meios interativos como a internet devem ser entendidos simultaneamente como cultura e como artefato cultural;
- 3) pensar esta pesquisa da interação mediada como fluida, dinâmica e móvel;
- 4) reconsiderar a noção de campo de estudo para não centrar os fluxos e conexões em nenhum lugar localizado ou limitado;
- 5) o desafio da pesquisa virtual está em examinar

como se configuram os limites e as conexões entre o “virtual” e o “real”;

- 6) devido ao deslocamento temporal, a imersão no contexto se dá de forma intermitente;
- 7) a pesquisa virtual é parcial, não totalizante;
- 8) a reflexividade metodológica outorga protagonismo à relação entre o pesquisador e a tecnologia;
- 9) validade de todas as formas de interação mediadas pela tecnologia para constituir o objeto de estudo;
- 10) adaptabilidade permanente aos objetivos da pesquisa.

A tendência ao deslocamento ou à dissolução do espaço objeto de estudo é o que passa a ser demonstrado pelos trabalhos etnográficos na internet, a partir da segunda metade dos anos 1990, com conseqüências para os desenhos metodológicos dos trabalhos de campo e da coleta de dados. As conseqüências desse deslocamento respondem a estratégias extensivistas pelas quais se amplia o número de casos a observar e se reduz a profundidade com que se trata cada caso.

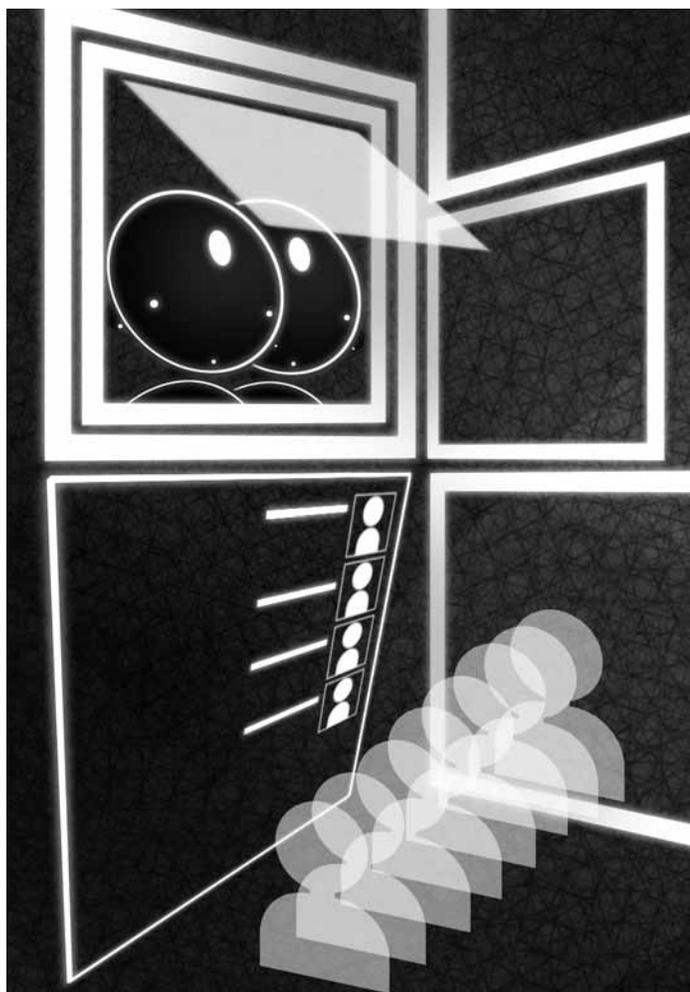
O papel do investigador, por outro lado, permite fazer entrevistas em profundidade, possibilita a entrada em espaços e reuniões e pode registrar os dados de forma aberta, pública e com procedimentos mais sistemáticos.

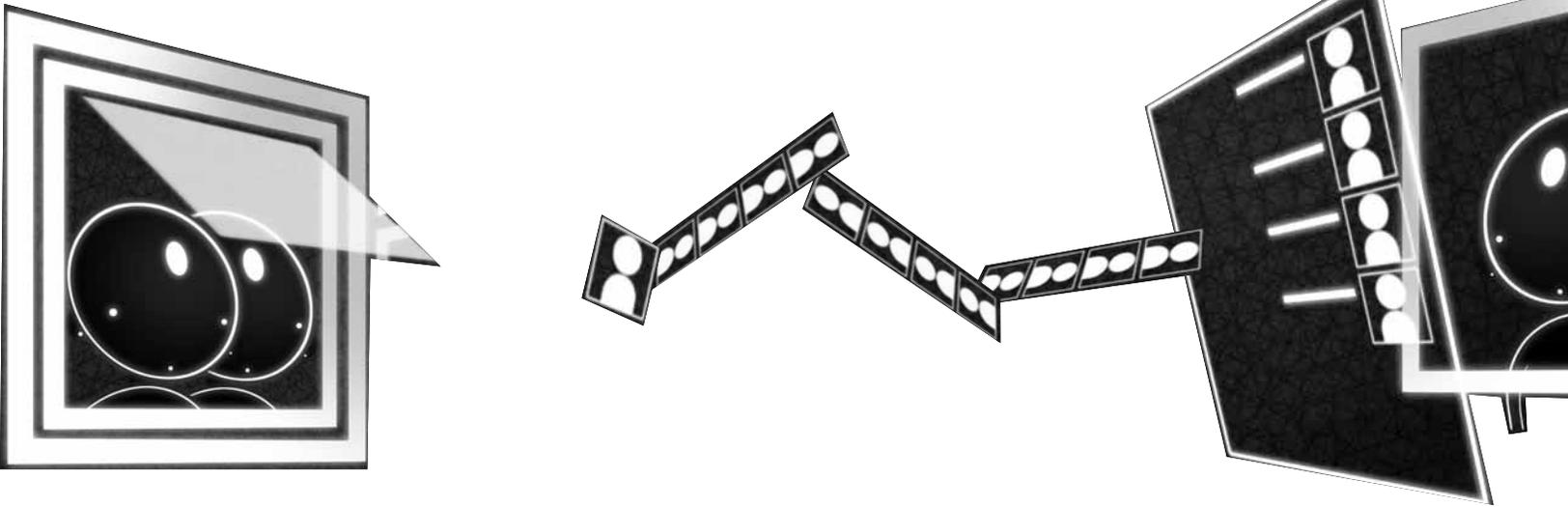
Também as interações informais entre os participantes do grupo são especialmente interessantes de serem observadas porque estão carregadas de conhecimento que é a base sobre o qual se constrói a cultura de uma comunidade.

As interações entre o observador e os participantes permite que o pesquisador participe, observe e pergunte, na forma dupla de colóquio informal e de entrevista formal. O trabalho de campo virtual, sem uma localização concreta, deve adaptar ferramentas e as interações de investigador com os informantes são uma fonte de dados central do trabalho. A substituição do

.....

12. Conforme o modelo clássico de Lasswell, as unidades básicas da comunicação são: emissor, canal, mensagem e receptor.
13. Tomamos como fonte principalmente Hine (2004), adaptando suas considerações sobre a etnografia virtual.





espaço físico pelo virtual pode acrescentar mais valor às interpretações dos atores com as quais se possam entender os espaços de significados que constroem.

Para Hine (2005), o espaço virtual se torna um meio rico para a comunicação com o aumento do número de usuários e, conseqüentemente, é tomado como um lugar privilegiado para a pesquisa nas áreas humanas. De acordo com essa autora, duas fases caracterizam pesquisa social em comunicação mediada por computador (CMC): uma primeira, a utilização de abordagem psicológica dependendo de métodos experimentais para compreender o potencial da conversa mediada por computador. A segunda fase da pesquisa em CMC corresponde à crescente aplicação de abordagens naturalísticas para o fenômeno *on-line* e a subsequente requisição da Internet como um contexto cultural.

Ao pensar a etnografia como uma técnica que deve dar conta de uma performance de comunidade, a autora tece as seguintes considerações:

Nós podemos sugerir, então, que uma mudança metodológica, a exigência do contexto *on-line* como um site de campo etnográfico foi crucial no estabelecimento do status das comunicações de Internet como cultura. Enquanto experimentos psicológicos demonstraram sua opacidade, métodos etnográficos foram capazes de demonstrar sua riqueza cultural. É possível ir mais longe e sugerir que nosso conhecimento da Internet como um contexto cultural está intrinsecamente ligado com a aplicação da etnografia. O método e o fenômeno definem o outro em um relacionamento de mútua dependência. O contexto *on-line* é definido como

um contexto cultural pela demonstração de que a etnografia pode ser aplicada a ele. Se nós podemos estar confiantes de que a etnografia pode ser aplicada com sucesso em contextos *on-line* então nós podemos ficar seguros de que estes são, realmente, contextos culturais, uma vez que a etnografia é um método para entender a cultura. (Hine, 2005, p.8).

Fato inerente a esse interesse crescente é que a Internet significa um contexto cultural e um artefato cultural ao mesmo tempo. No mesmo sentido, Schneider e Foot (2005) complementam que a *web* pode ser vista como um cenário de estruturas que suportam a ação *on-line*, comportando uma miríade de dimensões sociais, culturais e políticas. Quanto a questões metodológicas, os autores indicam que a natureza multi-nivelada e hiperlinkada da *web* faz com que a identificação e a demarcação de unidades de análise nesse ambiente sejam tarefas críticas e necessárias. Nesses termos, os autores interpretam que há uma natureza de co-produção da *web* nas ações *on-line*, que podem ser exploradas examinando-se objetos da *web*, como textos, matérias, *sites* e *links* para outros *sites*, ainda que a pesquisa deva combinar esses dados com dados *off-line* (entrevistas pessoais, entrevistas de grupo, telefonemas, etc.).

O conceito de esfera da *web* de Schneider e Foot traz considerações importantes quanto à delimitação da *web* como objeto de estudo.

Nós conceituamos esfera da *web* não simplesmente como uma coleção de *websites*, mas como um conjunto de recursos digitais dinamicamente definidos estendendo-se sobre múltiplos sites da *web* considerados relevantes ou relacionados a um evento central, conceito ou tema, e seguidamente conectado

por hiperlinks. As fronteiras de uma esfera da *web* estão delimitadas por uma orientação de tema compartilhado e de uma estrutura temporal. (Schneider e Foot, 2005, p. 158).

Hine (2005) ainda aponta que quando falamos em metodologia, estamos implicitamente falando sobre nossa identidade e os padrões segundo os quais nós desejamos que nosso trabalho seja julgado. Na mesma direção, ela destaca que as novas tecnologias tornam a questão mais interessante, fazendo-nos interrogar sobre nosso entendimento e compromisso metodológico.

Queremos destacar, finalmente, que este tipo de mudança configura uma lógica bem definida em que a abordagem de novos objetos de estudo leva a uma série de mudanças metodológicas, reforçando mais uma vez que é o método que é colocado a serviço dos objetos e não o contrário.

Referências

- Anderson, B. (1983). *Imagined communities: Reflections on the origins and spread of nationalism*. London, Verso.
- Anuario OBITEL (2007). *Culturas y mercados de la ficción TV en Iberoamérica*. Barcelona: Gedisa.
- (2008). *Mercados globais, histórias nacionais*. São Paulo, Editora Globo.
- (2009). *A ficção televisiva em países ibero-americanos: narrativas, formatos e publicidade*. São Paulo, Editora Globo.
- (2010). *Convergências e transmediação da ficção televisiva*. São Paulo, Editora Globo.
- Appadurai, A. (1990). “Disjuncture and difference in the global culture Economy”. En: Featherstone, M. *Global culture*. London, Sage.
- (1997). *Modernity at large. Cultural dimensions of globalization*. Minneapolis, University of Minnesota Press - Open University Press.
- Bauman, Z. (1999). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bhabha, H. (1990). (Edit.) *Nation and narration*. London, Routledge.
- (2001). *O local da cultura*. Belo Horizonte, Ed.UFMG.
- Elkins, D. (1997). “Globalization, telecommunications and virtual ethnic communities”, en: *International Political Science Review*, vol.18, núm.2.
- Gellner, E. (1983). *Nations and nationalism*. Oxford (Inglaterra) y Cambridge (Estados Unidos), Blackwell.
- Hall, S. y du Gay, P. (1996). *Questions of cultural identity*. London, Sage.
- Hine, C. (2004). *Etnografía virtual*. Barcelona, Editorial UOC.
- (2005). “Virtual methods and the sociology of cyber-social-scientific knowledge”. En: Hine, C. (Edit.) *Virtual methods. Issues in social research on the internet*, Oxford, Berg.
- Ianni, O. (1994). “Globalização: novo paradigma das Ciências Sociais”, em: *Revista Estudos Avançados USP*, núm. 45.
- Lévy, P. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo, Editora 34.
- (1999). *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34.
- Lopes, M. (2003, ene-abr). “A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação”. *Revista Comunicação & Educação*, num. 25.
- (2004). “Para uma revisão das identidades culturais em tempos de globalização” en: Lopes, M. (Org.), *Telenovela. Internacionalização e Interculturalidade*. São Paulo, LoyolaLopes, M. et.al. (2002). *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade*. São Paulo, Summus.
- Mouge, C. (1994). “For a politics of nomadic identity” em: Robertson, G. et al. (eds.), *Travellers’ tales: narratives of home and displacement*. New York, Routledge.
- Newcomb, H. (1999), *La televisione da forum a biblioteca*, Milano, Sansoni.
- Papadakis, M. (2004) *Computer-mediated communities: A bibliography on information, communication, and computational technologies and communities of place*, SRI International.

- Rheingold, H. (2010) *Virtual communities* [online], disponível em: <http://www.well.com/user/hlr/vcbookintro.html>, recuperado: 17 de agosto de 2010
- Schneider, S y Foot, K. (2005), “Web sphere analysis: An approach to studying online action”, em: Hine, C. (Edit.), *Virtual methods. Issues in social research on the internet*. Oxford, Berg.
- Smith, A. (1999) *Nações e nacionalismo numa era global*, Oeiras, Celta Editora.

